

Editorial

Dentre as técnicas intelectuais, segundo Aristóteles, duas são produtivas ou poiéticas: a retórica e a dramaturgia. Ambas operam por meio da língua e por ela movem os ouvintes, espectadores, produzindo estados de alma — sentimentos, emoções, paixões— segundo as finalidades dos orador/dramaturgo. Em um caso, busca-se persuadir os auditores para que decidam de maneira favorável às teses apresentadas; em outro, a finalidade é rerepresentar alguma situação, mimetizando-a de maneira esquemática, com vista à purgação ou tomada de consciência do ocorrido.

O conhecimento do modo de fazer em cada uma dessas técnicas deve expor e explicar as razões ou causas da efetividade — eficácia e eficiência — dos esquemas ou figuras empregadas para suscitar a adesão às teses ou à purgação (catarse). Tal conhecimento sistematizado ou racional é denominado ciência, pois explica as causas do fazer. Essa ciência ou conhecimento sistemático requer que se exponham as razões da efetividade ou suas causas, donde aquele que sabe, o sábio, distingue-se do ignorante por ser capaz de ensinar. Essa distinção, posta por Aristóteles em sua *Metafísica*¹ sustenta-se na constatação de que se considera a arte ou técnica superior à experiência, ao fazer não pensado, e o sábio superior ao técnico ou artista, uma vez que ele sabe ensinar o fazer técnico, por conhecer as razões ou causas desse fazer.

Esse critério pragmático, para verificar a capacidade de ensinar algo como o que separa o ignorante do sábio, não implica sustentar que o fazer é desprovido de valor, ao contrário, afirma sua relevância, mas também sua insuficiência quando se deixa de buscar as razões de sua efetividade. A comparação ou analogia com o trabalho do pedreiro e o mestre-de-obras (arquiteto) não deixa dúvidas a respeito, pois um sabe fazer, mas não ensinar, enquanto que o outro saber ensinar por saber as razões do fazer.

O mesmo se dá nas artes ou técnicas intelectuais produtivas, as que movem os espíritos, os homens, as mais relevantes para a vida social ou política, uma vez que operam os técnicos, agem sobre os outros homens com vistas a orientar decisões nas assembléias, nas situações judiciais e nas que são chamados a censurar ou elogiar os costumes, as condições em que se requer o fazer retórico.

Em outra situação social, naquela em que as pessoas se reúnem para assistir a apresentação de um drama ou tragédia que re-apresenta eventos humanos por meio de uma ficção, a finalidade é catártica ou purgativa, pois as pessoas não são chamadas a deliberar nem a respeito do futuro, ou do passado ou, ainda, censurar ou elogiar condutas. Na situação dramaturgical ou trágica espera-se que a narrativa conduza a

¹ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edición trilingüe por Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1990. (A, I, 981a, 5).

uma tomada de consciência a respeito dos eventos humanos, os que se apresentam como o desenrolar das paixões, das fatalidades, dos acasos, postos em presença em seus esquemas gerais. Essa técnica, quando examinada e sistematizada mostra, ainda segundo Aristóteles em sua Poética, que a produção do “efeito” sobre os espectadores requer o uso de esquemas ou disposições (*dispositio*) ou composições do discurso e dos atos adequados ao desejado. É o que lemos, séculos depois, no poema Autopsicografia de Fernando Pessoa, bastante citado, é parte de um debate a respeito dos heterônimos, pois tais personagens produziram interpretações as mais diversas: desde a que afirmava que o poeta era um psicógrafo até sua caracterização como histérico. Há um outro poema, do mesmo autor, mais explícito, intitulado Isto:

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

Pessoa² esclarece a produção de suas personagens ou figuras, pelo que apresenta uma teoria da produção literária, mostrando que os poetas (produtores de obras poéticas) podem ser classificados segundo a expressão do que sentem. Assim, na lírica o poeta encontra-se centrado em seus sentimentos e os expressa; outros são poetas com sentimentos variados e fictícios, são mais imaginativos, vivem “cada estado da alma antes pela inteligência que pela emoção”; na escala de “despersonalização, ou seja, de imaginação” temos “o poeta que em cada um dos seus estados mentais vários se integra de tal modo nele que de todo se despersonaliza, de sorte que, vivendo analiticamente esse estado da alma, faz dele como que a expressão de um outro personagem, e, sendo assim, o mesmo estilo tende a variar. Dê-se um passo final, e temos um poeta que seja vários poetas, um poeta dramático escre-

² PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977. 1977. p. 197- 199.

vendo em poesia lírica”. A mesma concepção encontra-se em Edgar Allan Poe em seu escrito “A filosofia da composição”³, em que expõe, tomando por ilustração seu poema “O Corvo”, afirma:

Prefiro começar considerando um efeito. Tendo sempre em vista a originalidade (porque é falto consigo mesmo quem se atreve a desprezar um meio de interesse evidente e fácil), digo-me, ante de tudo: “Dentre os inumeráveis efeitos ou impressões que é capaz de receber o coração, a inteligência ou, falando em termos gerais, a alma, qual será o único que eu deva eleger no presente caso?” Tendo já eleito um tema novelesco e, depois, um vigoroso efeito, indago se vale mais evidenciar os incidentes ou o tom – ou os incidentes vulgares e um tom particular ou a singularidade tanto dos incidentes quanto do tom —; logo procuro, em torno de mim, ou melhor, em mim mesmo, as combinações de acontecimentos ou de tons que podem ser mais adequados para criar o efeito em questão.

Assim, constituindo “passo a passo, com a mesma exatidão e lógica rigorosa de um problema matemático”, Poe oferece uma poética que se opõe à do Romantismo ou Idealismo alemão, que se sustenta na expressão do inefável nas almas. O mesmo vemos em obras do cineasta Sergei Eisenstein, para quem a composição ou montagem do filme é que o define por seu efeito, eficácia “patética”, ou seja afetiva, emocional.

A ciência ou conhecimento das técnicas produtivas cognitivas e afetivas — a retórica e poética — é desprezado pelos que afirmam a imanência ou o “dom” de ser orador ou poeta, nesta categoria incluindo todos os que operam no que hoje denominamos artes — categoria que inclui dos músicos aos que produzem audiovisuais.

O desprezo das técnicas de condução da alma humana – retórica e poética — tem origem em sua tomada de posição. Em uma delas, a retórica é a arte de enganar, de estabelecer acordos muito precários, sem valor de verdade, devendo sempre ser substituída pelas ciências, uma vez que essas expressam o verdadeiro. Em outra, afirma-se a verdade pessoal, subjetiva, que se alcança pela livre expressão do que se tem na alma, pelo que a técnica é uma camisa de força. Nesse caso, a técnica destrói o propriamente humano, seja ela qual for. Nega-se a relevância do desenvolvimento técnico ou tecnológico, por considerá-lo destruidor do homem, avançando, no mesmo movimento, para uma tomada de posição contrária às ciências. Dessas duas posições, a segunda é a que faz maiores estragos, pois afirma não apenas a necessidade de destruir o realizado pelas ciências e pelas técnicas, agora pensadas de maneira sistemática e tornadas tecnologias, quanto o imperativo de “res-

³ POE, E. A. *O Corvo. Filosofia da composição*. Tradução: Silveira de Souza, http://virtualbooks.terra.com.br/artigos/o_corvo_Silveira_de_Souza01.htm

gatar” um mundo perdido, o do passado sem as técnicas e as ciências. É nesse âmbito que progride a condenação da técnica como tecnicismo, assimilando as regras do fazer, a consciência das razões da efetividade — eficácia e eficiência —, à perda do humano, do inefável, expressão da “bela alma”.

Rever os estudos da educação, arte ou técnica de conduzir os estudantes de seu estado de ignorância ao de saber, requer, nos parece, uma retomada das investigações das técnicas poéticas intelectuais, as que Aristóteles apresentou em seus tratados Retórica e Poética, certamente com o que foi desenvolvido nos séculos posteriores. Não por uma adesão ao aristolelismo, mas por reconhecer que ele foi o primeiro sistematizador daquelas artes, tornando-as uma ciência, a ciência das técnicas produtivas intelectuais, uma tecnologia no sentido estrito. Os trabalhos aqui enfeixados são um passo nessa direção, outros certamente serão dados.

Tarso Mazzotti